

Interrogações e desafios da democracia

~~Introdução~~ ~~Questões de fundo~~ ~~em Portugal~~
~~Condições, desafios e~~

A situação da democracia em Portugal das suas instituições e das suas realizações levanta suscetíveis perplexidades. É, por isso, natural q̄ se frontem interrogações sobre o porquê da actual situação e ~~essa~~ sobre as possibilidades das modificações q̄ a proximidade de datas eleitorais necessarias ~~faz~~ leva a esperar.

Não me é possível nestes ~~introdução~~ definir todo o espaço coberto por três interrogações. Limitar-me-ei ~~fa~~ a tocar três aspectos:

Fundação Cuidar o Futuro

- as condições necessárias fiabilidade e segurança; ~~a democracia~~;

- a inter-relação indispensável entre a democracia e ~~as suas~~ o desenvolvimento;

- ~~o grau de interdependência~~ a interação entre a evolução ^{interusa} ~~da democracia~~ e a capacidade de estabelecer laços firmes ~~firmes~~ ~~eficazes~~ e outros países e grupos de países.



As afirmações

Situo estas questões numa pers-
pectiva estrutural e não meramente conjun-
tural, embora a personalidade do agente
político e a ~~estrutura~~ ^{uma} ~~conjunto~~ ^{conjunto} de fac-
tores q̄ caracterizam a sit. port. ~~em~~ ^{confirmam}
essa perspectiva estrutural ~~em~~ ^{em}
um cariz próprio.

Ao situar estas questões numa pers-
pectiva estrutural, estou implícita/ a
fazer uma afirmação q̄ vai orientar a
maneira como me vou referir a
cada uma delas. ~~?~~ Afirmo q̄ as
questões postas à democracia em
Portugal, c/ todas as suas componen-
tes, tem hoje um carácter universal
encontram-se c/ ± intensidade tanto
no hem N como no hem S, fazem
parte da q̄ reflexão sobre os regimes
políticos q̄ atravessa o pensamento
contemporâneo, ^{encontram-se presentes} na dif. da implantação
~~de~~ ^{em} ~~regiões~~ ^{regiões} democracias e ~~da~~ ^{da} ~~geração~~ ^{geração}
inca pacidade (na inca pacidade de gene-
ralizada de vencermos a desordem
monetária e comercial institucionalizada
hoje no mundo.



I. Estabilidade democrática

3

É hoje claro q̄ o regime político português se encontra bloqueado na prática, independentemente da responsabilidade pessoal dos intervenientes no processo.

Nos últimos 5 anos, duas coligações, as maiorias permanentes e estáveis no Parlamento, não conseguiram manter a estabilidade democrática. O fenómeno, há denunciado em ciências políticas, do Estado entrópico, é em Portugal visível e crítico.

As coligações são agitadas por convulsões internas, q̄ nenhum agente exterior provoca. Daí o clima de insegurança q̄ atravessa a vida portuguesa e cria o cepticismo e o alheamento das coisas políticas em muitos portugueses.

Os conceitos de "maioria" e "oposição" transpuseram-se de forma automática p. Portugal



Mas a "maioria", ao partidar 4
ter todas as instituições políticas
do Estado democrático, incluindo
o órgão a quem cabe velar pela
constitucionalidade das leis, criou
uma outra forma, já muito conhe-
cida dos portugueses, e ~~Trata-se do~~
"situaçionismo" ~~força e mentali-~~
dade ~~conservadora~~ ~~que se transforma e força conservadora~~, tende a man-
ter indefinida/ os mesmos limites
no poder, ~~que se transforma e força conservadora~~
psicológica ~~que exerce~~, a execução
da liberdade democrática e ~~é retirada~~
as ^{últimas} "opiniões" ~~da~~ ~~que~~ ~~for~~ ~~turnid~~ ~~de~~
de contribuir p. o bem comum.

As referências ^{políticas} deixaram de
ser claras e seguras. Os programas
dos governos ~~em~~ correspondem aos
programas e ideários dos par-
tidos ~~que~~ os formam. Mas mes-
mo nessa forma mitigada, os
programas dos governos ~~nao~~ são
seus próprios. Há uma deriva
psicológica permanente ~~entre a~~
da sigla p. a ideologia, deste p. o
programa de governo e deste p. a
a p.



Por isso, a alternância em Port. 5
não o é verdadeiramente. Apenas
mudam nessa alternância os actores
da história política.

~~Esta~~ É assim indispensável:
que novos factores na cena parti-
dária levem cada grupo a re-
centrar-se q^{to} ao seu programa e
à sua metodologia de act.

Entende-se, por isso, a
necessidade de re-ordenamento
partidário, de travagem do ferro
menor de devota ^{continuação de devota do regime} e exprima atra-
vés do apareci de uma nova
força política e de esperança q^o
muitos portugueses nela parecem
depositar. É certo também q^o uma
força cõ poderã contribuir p^a a
estabilidade democrática na medida
em q^o for - e estou certo de q^o será
portadora na ^{única} de um novo ar-
ranjo de participaç ~~participaç~~ do poder
mas sobretudo de uma verdadeira
alternativa, de contornos nítidos
e s/equivocos.



Não julgo, porém, $\bar{\gamma}$ tal 6
reordena/ ~~este~~ parte. A Consti-
tuição de R. O. aponta, de forma clara,
para um quadro democrático em
que a democracia representativa,
~~é~~ na multiplicidade das suas
instituições, é completada pela
democracia directa. ~~é~~

É certo $\bar{\gamma}$ a dem. directa
é, o país $\bar{\gamma}$ foi tutelado durante
meio século, de difícil implantação.
Tem - no falhado a iniciativa e a
confiança ~~é~~ ^{apoiar} ~~estarmos~~, à medida
 $\bar{\gamma}$ ~~o~~ ^{suprimido} as formas de
democracia directa $\bar{\gamma}$ ~~conferir~~
no quotidiano, aos cidadãos
a sua parte de responsabili-
dade na gestão ~~da~~ política dos
interesses comunitários. Mas é
~~na~~ ~~carteira~~ ~~de~~ $\bar{\gamma}$ ~~pode~~ ~~associar~~ ~~-~~
~~esforços~~ ~~para~~ ~~defender~~ ~~interesses~~
~~que~~ ~~me~~ ~~parecem~~ ~~justo~~ ~~que~~ ~~se~~
Sabemos como esta forma de
estruturar a sociedade, assumindo
carácter jurídico m.º diverso,
confere ~~aos~~ ~~países~~

que já tem uma longa tradição, 7
uma vitalidade própria. (Penso
em países tão \neq como os EUA, a
Suíça e a Jugoslávia \bar{q} , cada um
à sua maneira, ~~tem~~ encoraja o
cidadão na gestão directa das deci-
sões \bar{q} de ser em respeito à comuni-
dade onde vivem) \bar{q} \bar{q} pertencem.)

Do por a questão da comple-
mentaridade entre estas duas formas
de democracia, estou a levantar
um problema de fundo de demo-
cracia. ~~Verificamos~~
~~como é hoje se pode,~~
~~de os conceitos de democracia, as-~~
~~sejurar a necessária~~

Quando é \bar{q} a maioria eleitoral
representa uma vontade comum?

Não é verdade \bar{q} em muitos casos
dizer ~~na~~ ^{significa a venosa} ou partidos ^{é apenas dizer não}
ao votar ~~contra o~~ \bar{q} ~~rejeit?~~

Como fazer de modo a \bar{q} a mobiliz-
ção popular ~~seja~~ a condução
~~da política~~ se traduza em estí-
mulo, apoio e exigência aos go-
vernos e parlamentos?

II. Democracia e desenvolvimento 8

Se não fosse já uma zona de consenso ilHual, o exemplo português bastaria p^o afirmar a dem. nas
Re kash a si p^o. ~~Só tes~~

Tem de apontar p^o finalidades
sociais — de ordem econ., social,
cult., ecol. — Tem de definir
vias e processos de desen-
volvimento.

~~A democracia esvazia-se de
conteúdo se não ^{for} ~~de~~ ci-
ltre nel
a sociedade os mecanismos
necessários. ~~il dispensáveis p^o
concretizar as finalidades
correspondem à sociedade de hoje.
Só assim poderá responder às
necessidades individuais e
colectivas em termos económi-
cos, sociais e culturais.~~~~

Sou hoje levada a dizer
q dem. e des. ^{to} ~~as~~ hoje ~~des~~
vertentes de uma mesma
realidade. E ~~se~~ se é certo

- a iljusta repartição social dos custos do equilíbrio financeiro externo; ~~o contencioso do investimento~~ ~~garantia (suicida) e ter os resultados~~

- a penalização excessiva do investimento e do nível de actividade económica, desencorajando o emprego e o crescimento do PIB.

- as distorções entre os níveis programados e os níveis realizados em matéria de controle orçamental (p. inflar já das "deficiências" do OGE!)

- a queda dos salários reais e a subida do custo de vida, bem como o facto inedito dos salários em atraso;

- a persistência de índices que mostram o agravar das situações referidas, tais como o desfasamento entre os níveis programados e os níveis ~~tentados~~ ^{realizados} e matéria de controle orçamental e a incapacidade de contenção do consumo público.

inserir
19/20
dactilografadas



Não ~~se~~ resta dúvida de que é 11
urgente ^{uma} alternativa programática.
Porém, julgo ultrapassada a alter-
colução que se queira total/ envolvente,
abarcando de forma lógica todos os
sectores e todo o território nacional.
A alternativa necessária só pode
resultar de uma prioridade absoluta
deda ^{ao desenvolvimento} dos recursos humanos, ga-
rantindo-lhes as condições neces-
sárias ^{para} a execução das inicia-
tivas a que ~~possam~~ ^{queiram} meter ombros
e estimulando uma caudável
interacção mutual de competên-
cias, actividades e interesses.

III. Democracia ^{interna} portuguesa e 12
inter-dependência planetária

Mostra-me a experiência governativa e a interação que tenho tido o privilégio de beneficiar c/ muitos dos vossos ~~países~~ compatriotas q o enriquec/ da democracia e país vai de par c/a sua possibilidade de estabelecer laços s/ complexo c/ outros países.

A grande triz dos países ^{de encon-} fobres e recursos naturais ^{ou q?} ^{mas que} nestes dias ^{de} ^{inter-} ^{dependência} ^{planetária} ^{é a} ^{de} ^{ter} ^a ^{flexi-} ^{aprendizagem} ^a ^{contribui-} ^o ^{cimentar} ^{as} ^{ajudas} ^{de} ^{que} ^{precisam} ^{na} ^{inter-} ^{dependência} ^{planetária} ^e ^{nos} ^{de} ^{dependência} ^{exclusiva} ^{de} ^{uma} ^{zona} ^{de} ^{influência}.

Fundação Cuidar o Futuro



Portugal é, ^{pela sua geografia,} ~~o~~ país 13
europeu. ~~Por~~ cidadania ~~na~~ a Europa
em q se insere é um continente à
procura também do seu lugar no
mundo de hoje. Tendo contribuído
p: fazer a Europa e p: lhe dar ~~uma~~
um papel no ~~mundo~~, P. não pode
abdicar hoje de ser parte ~~int~~te
desse processo q atravessa ~~o~~ ser
europeu. Faz-lo pela cultura, pela
circulação ~~das~~ ~~de~~ ~~trabalhadores~~
~~pela~~ ~~a~~ ~~Mar~~ ~~de~~ ~~trabalhadores~~ também através
de todas as instituições q, em
âmbitos ~~de~~ ~~trabalhadores~~ ~~de~~ ~~trabalhadores~~ p: a
Europa: a CSCE o Conselho da
Europa, ~~a~~ ~~CEE~~.

Mas tivemos este destino de
nos termos confrontado c/ todos
os continentes ao longo de 5
séculos.

~~Não~~ ~~deverá~~ ~~P.~~ ~~uma~~ ~~relação~~
Nesse destino, ~~desempe~~ ~~na~~
aparece hoje c/ particular relevo,
os países q pensam e traba-
lham e vivem na mesma lí-
ngua j nós. Não se trata de uma



14
de pretensas mas sic de uma
oportuiddde j é absurdo, e ~~filos~~
~~de espiri~~ contrários aos interesses na
cionais e violador de solid. int'l
ã aproveitar e todas as suas
possibilidades.

E de q.º outros laços privile-
giados não poderia o falar?
Não p.º dirigir as palavras
dos países do Mediterrâneo,
da área ibero-americana,
do relacionaf cf os países q
eijos privilegios de historiz
esua de en contram nos novos
cronistas — desde o Benin à
Indonésia — dos países onde
os portugueses foram os primeiros
europeus a serem conhecidos...

De resto, é esse o imperativo
de constituição da Rep. Port. quando
~~deixa~~ diz q P. se reger ao estabelecer
o princípio "da cooperação cf todos
os outros povos p.º a emancipação e o
progresso d humanidade." (art. 7.º)



as fórmulas do início de 16
industrialização e é necessária
hoje de encetar novos caminhos,
~~libertos de cargas excessivas~~
Mais adequados à época e à
vivemos. Pois não é a "teoria
de governação" um dos aspectos
de ponta da ciência política?

Aquilo de que precisa
nos - em Portugal e no
mundo - foi expresso, de
forma clara na última reu-
nião do Conselho de Interação
de ex-Chefes de Governos a quem
a honra de pertencer. ^{as palavras de um} Disse - o ^{escritor de} ^{seus} ^{feitos}
o Dr. Kurt Furgler, dd 1 Janeiro
Presidente, ~~pela 3.ª vez~~, da
Confederação Helvética:

N.º 28
dactilogr. ↘



Conclusões: desafio à inteligência política

A situação de P. é difícil, complexa e, até p. os seus protagonistas, imprevisível. Nas ~~em toda~~ ^{reside} sua complexidade ~~está~~ ~~leada~~ o seu interesse: é o desafio à inteligência política, não só de ~~um~~ ou outro dirigente mas do povo ~~em~~ ^{no seu} todo.

Fundação Cuidar o Futuro



Para responder a esse desafio há q. situar o problema onde eles estão, sem os encerrar na ~~procura~~ ^{denúncia fácil} de todos equivocados; há q. entender a lógica ^{política} dos processos desencadeados na ~~esfera política~~ em todas as domínios, não q. pareçam afastados da act. política; há sobretudo q. pensar em moldes novos p. um mundo q. exige

~~Concl~~ ~~#~~ Conclusão: vontade e esperança

~~No livro q hoje us de novo,
 ~~fr. port. português~~ No livro de José
 S. 1, o "Ano de - - - - -", q o autor
 diz retratar n só o ano de 1936 mas
 o fr. q hoje o port. está a viver,
 F. P. ~~de~~ a certa altura de RR
 da seguinte maneira:~~

~~"querer pela desejo o q se sabe"
 n poder querer pela vontade.
 Se assim é, a maior urgência
 hoje na soc. port. é a de uma
 luta lida de humana e cultural
 q permita continuar a querer
 pelo q se deseja" (mas q se
 expanda, concretize e mate-
 rialize.~~

O q nos falta hoje é a